

**A Hermenêutica em Paul Ricoeur como Via de Interpretação da
Linguagem Simbólica Cultural e da Interação do Homem com o Meio
Ambiente**

Thiago Souza Silva

Doutorando do Curso de Memória: Linguagem e Sociedade da
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, thiago_uesb@yahoo.com.br

Elton Moreira Quadros

Profº DSC. do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB,
emquadros@uneb.br

RESUMO

Objetivou-se neste trabalho explorar as potencialidades da hermenêutica, sob a ótica de Paul Ricoeur, enquanto uma proposta viável para se compreender a cultura, considerada como uma formação humana carregada de uma linguagem simbólica. Para a formulação desse método, Ricoeur se ancora nos conceitos desenvolvidos pelo campo da psicanálise, com o fito de estudar o sentido humano ali implicado, de modo que a pretensão da teoria da interpretação compreendia a ação de demonstrar que a realidade é simbólica e como tal necessita ser interpretada. Procurou-se, ainda, viabilizar um diálogo atinente ao meio ambiente, com um conceito que extrapola o entendimento de ambiente físico, abarcando as dimensões sociais e culturais de sua constituição. Para tanto, efetuou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, com um viés interdisciplinar, onde se demonstrou que o homem é, por excelência, o promotor da cultura, mas, também, é produto da mesma. A cultura aprovisiona o homem dos recursos indispensáveis à sua interação com a natureza, sendo, pois, disseminadora dos princípios que estabelecem referências comportamentais, as quais são mediadas por símbolos. Assim, concluiu-se que o homem está imerso num contexto cultural e ambiental regido por símbolos, e que, a partir desta conjectura constroem os significados associados à sua existência.

Palavras Chave: Filosofia Ambiental, Ecologia Cultural, Meio Ambiente Cultural.

INTRODUÇÃO

Pretende-se demonstrar, através desta pesquisa, a conexão existente entre os pressupostos filosóficos legados por Paul Ricoeur, no que tange à perspectiva hermenêutica, aplicada à compreensão da linguagem e aos símbolos, os quais são elementos constituintes da cultura, a qual está intrinsecamente articulada com a dimensão ambiental.

A proposta que subsidiou a conquista deste intento consistiu numa abordagem sobre a cultura, aderindo a uma ótica de apreciação que tem o outro como cerne da tratativa filosófica. Deste modo, tal autor concebe a linguagem e o símbolo como uma via que possibilita o acesso ao outro. Em face disso, pondera-se que o pensamento de Ricoeur possa apresentar relevantes contributos para que o significado da existência humana seja melhor esclarecido por intermédio da compreensão.

Aspirou-se, assim, evidenciar que a linguagem manifesta-se como o cerne da obra de tal autor, tendo em vista que a hermenêutica é vislumbrada como o meio por intermédio do qual se processa a interpretação dos significados e sentidos traduzidos nos símbolos, na cultura.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Efetuoou-se uma pesquisa de caráter estritamente bibliográfico, adotando-se, prioritariamente, a hermenêutica de Paul Ricoeur como um recurso apropriado para se se compreender os fenômenos sociais que integram a cultura, tendo em vista que esta abarca uma série de símbolos, que comportam semânticas passíveis de serem interpretadas por esta via.

Recorreu-se, ainda, a uma discussão filosófica e antropológica, para embasar o diálogo alusivo ao meio ambiente, com enfoque para a Ecologia Cultural com suas definições, reflexões, potencialidades e aplicabilidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Cultura: Uma expressão da Linguagem Humana

Ao explicar sobre a conceitualização do termo cultura, Baruffa (2005) o apresenta como sendo uma forma *sui generes* do homem, enquanto integrante social, de sistematizar seu pensamento e sua interação com o universo que o circunda. Para tanto, o sujeito é dependente da cultura para se tornar humano. Baseado nisso, tal autor advoga o entendimento de que sem a intervenção da cultura a espécie *Sapiens Sapiens* é naturalmente incompleta, tendo em vista que tal categoria biológica estabelece maneiras comportamentais que são, variavelmente, autônomas dos reflexos instintivos, e que são relativamente pré-determinados pela influência culturalmente exercida sobre ela.

Baruffa (2005) acrescenta, ainda, que o ser humano é tanto o agente promotor da cultura, quanto o produto desta. Outrossim, o vocábulo cultura advém da expressão *colere*, a qual traduz o sentido de cultivo. Assim, o homem possui a necessidade de ser cultivado, carecendo, pois, ser inserto na conjectura social para se transformar em humano.

A criação cultural fornece ao homem os meios físicos e os instrumentos para a sua inserção na variabilidade ambiental: a tecnologia. Condiciona as modalidades pelas quais os indivíduos interagem entre si: a organização social. Oferece uma explicação do mundo e da sua própria existência, elaborando crenças e valores: a religião e a ética. Favorece a compreensão das leis que governam a realidade física e biológica: a ciência (BARUFFA, 2005, p.36).

A cultura é difusora de valores os quais instituem referências comportamentais. Em vista disso, o ser humano emerge como um elemento elaborado pela cultura e como um disseminador da mesma. Geertz (2008), por sua vez, enfatiza a personalidade simbólica da cultura, a qual revela a realidade relacional de um corpo social.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p.4).

Com fundamento no exposto, este autor introduz um constituinte indispensável no diálogo a respeito da cultura, pois alvitra que o comportamento humano se trata de uma operação mediada por símbolos, e, em face disso, necessita ser decifrada. Para Geertz (2008), os símbolos são configurados como vetores da cultura, além de defender que estes elementos não se restringem às representações pictóricas de algo, mas que englobam os valores determinados por um conjunto sociocultural. Ademais, um símbolo corresponde à combinação de vários elementos como os costumes, as estruturas sociais e os seus protocolos, bem como as impressões que se tem a respeito deste mundo, se concatenam formando os significados polissêmicos. Dessa maneira, os símbolos manifestam os sistemas cognitivos da cultura, e interseccionam a vida do homem.

Fica evidente que os símbolos são intervenções que os indivíduos viabilizam com o fito de desenvolver a comunicação. A língua, por exemplo, pode ser uma das conformações simbólicas

empregadas na interlocução entre os povos, e, também, da socialização dos preceitos convencionais que orientam determinados grupos.

Na concepção de Ricoeur há uma correlação entre o mito e o símbolo, porém estas duas vertentes apresentam distinção conceitual. Ao se pronunciar sobre a primeira delas, o mesmo registra que *entende* “por símbolo (...) as significações analógicas formadas espontaneamente, que nos transmitem imediatamente um sentido” (RICOEUR, 1982, p. 181). Quanto à última, tece o seguinte comentário: “Tomarei o mito como uma espécie de símbolo, como um símbolo desenvolvido em forma de relato e articulado num tempo e num espaço imaginário, que é impossível fazer coincidir com os da geografia e da história críticas” (RICOEUR: 1982, p.181).

Ao delinear, numa conformação teológica, a distinção entre essas duas grandezas, Ricoeur comunica que os símbolos apresentam uma classificação denominada de primeiro grau, de onde emana a confiança do mal, que antecede, assim, ao desenvolvimento do mítico. Em contrapartida, o mito é reputado por um tipo de símbolo secundário que deflui dos símbolos primários. Ricoeur ilustra tal contexto, ao comunicar que

Considerarei o mito como uma espécie de símbolo, como um símbolo desenvolvido em forma de narrativa e articulado num tempo e num espaço que não podem coincidir com os da história e da geografia segundo o método crítico; por exemplo, o exílio é um símbolo primário da alienação humana, enquanto a história da expulsão de Adão e Eva do Paraíso é uma narrativa mítica de segundo grau que põe em jogo personagens, lugares, um tempo, episódios fabulosos. (RICOEUR, 1982, p. 180-181).

Quanto a isso, Wicks (2005) considera que este filósofo, ao se debruçar sobre a temática do símbolo, se defronta com três zonas de emergência.

surge, en primer lugar, en los mitos y ritos relacionados con las manifestaciones de lo sagrado o hierofanías cósmicas, de los que se ocupa la fenomenología de la religión; luego, con los fantasmas que pueblan nuestros sueños, estudiados por el psicoanálisis; finalmente, en la poesía, entendido el término en su sentido más amplio, como *poiésis*, como creación artística, de la que se ocupa la poética (WICKS, 2005, p. 47).

Em continuidade às colocações relativas à cultura, Pesavento (2006) assevera que esta é uma representação do mundo que comporta uma gama de semânticas, haja vista que ela é configurada como “uma produção social histórica a se expressar, através do tempo, em valores, modos de ser, objetos, práticas” (p.46). Logo, acredita-se que, assim como o aspecto evolutivo de natureza biológica culminou no processo de hominização, a cultura se encarregou de desenvolver a humanização (BARUFFA, 2005).

A cultura não somente engendra valores, mas se incumbe de propagá-los para as gerações posteriores. A percepção do mundo, os modos de se apreciá-lo, a maneira de se relacionar com o outro e de se enxergar enquanto ser imerso no ambiente das interações sociais são ações culturalmente formalizadas. Contudo, cabe salientar que os valores são condicionalmente determinados, posto que, em um determinado contexto, algo pode ser

considerado como relevante, enquanto que para outro pode não ter nenhum prestígio. Perante o exposto, tem-se que a cultura não acomoda uma perspectiva única, mas é composta por inúmeras concepções.

É impossível, nessa conjectura pluricultural, a inexistência de antagonismos culturais, posto que existem múltiplas formatações de arranjos sociais, ilustradas pelas diversas modalidades de construção familiar, de tribos, de Estado, de credos religiosos, de dialetos distintos, de maneiras de gerar os recursos indispensáveis a manutenção da subsistência, dentre as variadas manifestações, que conferem significação e que retratam a procura humana por atribuir sentido a sua realidade. Destarte, o homem ingressa na dimensão cultural e na esfera simbólica, e sua reação pode ser de adequação ou de incompatibilidade, podendo, inclusive, evidenciar um comportamento de correspondência solidária, onde se legitima a alteridade com relação à outrem.

Fica posto que a cultura não está circunscrita a uma definição estanque, pois faz referência a um panorama onde se desenvolvem transmutações as quais se processam sob a interferência de uma série de condicionantes, que compreendem os campos sociais, financeiros, religiosos e ambientais, conforme diálogo desenvolvido no tópico a seguir.

3.2 A articulação entre a Cultura e a Dimensão Ambiental

Alguns estudiosos da temática cultural, como, por exemplo, Williams (1969), Thompson (1988), Hall (1997) e Canclini (1998), comungam sobre o fato de que a cultura está atrelada ao estilo de vida, aos costumes, credos, expressões artísticas, entre outros. Pode-se aproveitar tal entendimento para incorporar a discussão sobre o conceito de meio ambiente, o qual não está circunscrito à ideia de um ambiente físico e biológico, abarcando, também, as dimensões sociais, econômicas e culturais.

É possível observar que há uma aplicação mais genérica e, ocasionalmente, errônea do substantivo “ambiente” e do adjetivo “ambiental”. Quanto a isto, Cristofolletti (1994) esclarece que aquela palavra pode ser aposta num contexto geográfico, cuja extensão corresponde desde ao nível local até uma proporção globalizante, podendo estar correlacionado com o ambiente social, familiar, cultural, por exemplo.

Em contrapartida, a problemática ambiental reivindica o emprego de conceitos bem delineados e enunciados, de maneira que possibilitem a instrumentalização dos mecanismos metodológicos. Portanto, a compreensão mais precisa sobre meio ambiente é aquela que leva em consideração tanto os constituintes físicos quanto humanos das variadas paisagens que formam o espaço geográfico.

Pensando por este ângulo, tem-se que a vinculação entre a cultura e o meio ambiente deve ser analisada de diferentes modos, pela perspectiva antropológica, em duas vertentes a seguir discriminadas: a primeira deriva dos trabalhos etnográficos, que se reportam a um segmento científico norte americano denominado de Ecologia Cultural e, por último, as representações simbólicas, que apresentam relação com os seguintes fatores: tempo, espaço e sociedade.

Geralmente, esses estudos exploraram a articulação complexa existente entre a dimensão humana, ecológica, social e cultural. Nesse universo, o homem é reputado como um

ser social dependente de um estilo de vida que é produzido e reproduzido por ele próprio. Assim, o homem é compreendido nas suas características singulares e indissociáveis intrínsecas as suas interações sociais. Logo, pode-se dizer que a forma de vida do indivíduo não é passível de existir sem a ocorrência das ações sociais, pois são estas que conferem significado às suas integrações com os outros sujeitos e com os outros elementos que compõem o espaço.

3.3 A Hermenêutica como Via de Compreensão do Comportamento Simbólico do Homem

A filosofia Ricoueriana trabalha de forma conjugada tanto a categoria fenomenológica quanto a interpretação hermenêutica, sendo, por excelência, reconhecida como uma teoria empenhada na reflexão das ações humanas. Assim, com o intuito de tecer ponderações que dão conta de compreender a existência humana é que o raciocínio de Ricoeur orbita em torno do outro e da linguagem simbólica que emana deste.

No título denominado de *Hermenêutica e Psicanálise na Obra de Paul Ricoeur*, de autoria de Franco (1995), tal autor corrobora com o pensamento de que o fito do trabalho deste filósofo consiste em interpelar sobre quem venha a ser o homem contemporâneo, interpretando-o. Para o cumprimento de tal empreitada, o mesmo procura nos símbolos, na linguagem poética e no mito os traços constituintes deste ser humano.

Há mais na metáfora que no símbolo, no sentido de que ela traz à linguagem a semântica implícita do símbolo, o que permanece confuso no símbolo – a assemelhação de uma coisa a outra e de nós às coisas; a infinda correspondência entre os elementos – é clarificado na tensão da enunciação metafórica. [...] Mas há mais no símbolo do que na metáfora. A metáfora é o procedimento linguístico – forma bizarra de predicação – dentro do qual se deposita o poder simbólico. (Ricoeur, 1976, p 81).

D'AGOSTINI (2003) atesta que os homens estão intimamente integrados à dimensão da linguagem, isto é, a “um conjunto linguístico-temporal, e acrescenta que jamais encontramos as coisas de modo imediato, mas temos sempre um certo número de informações preliminares, preconceitos, expectativas a seu respeito, e a linguagem determina, pré-orienta o nosso juízo sobre a realidade” (p.399).

Tendo em vista que o homem é quem origina a cultura, e que o seu comportamento, no campo social, é historicamente determinado, faz-se mister a intervenção de uma ação interpretativa com potencial para se permitir a apreensão das semânticas que tais manifestações transmitem. Ressalta-se que a cultura é adjetivada como uma manifestação paramentada por símbolos, os quais não são uma linguagem direta, pois, em razão, tais elementos não exprimem, previamente, um significado, demandando, assim, ser conhecido com a finalidade de ser compreendido. Examinando o conteúdo alusivo aos símbolos, Wicks (2005), conclui que

el símbolo surge siempre en la intersección del lenguaje con algo que lo trasciende, que no es íntegramente *logos* y que, por consiguiente, no puede nunca llegar a ser enteramente traducido por la palabra;

pero precisamente debido a dicha característica; el símbolo se constituye en algo "que da que pensar"; vale decir, exige una interpretación que -necesariamente, puesto que el símbolo incluye un núcleo indecible- se prolonga indefinidamente sin culminar jamás (WICKS, 2005, p.47).

A hermenêutica se consubstancia como a teoria através da qual a interpretação de um texto é operacionalizada. “Originalmente, o conceito de texto se prendia à noção de escritura sagrada. Hoje há um conceito de texto ampliado. O texto passa a ser todo conjunto coerente de signos suscetível de ser lido e interpretado” (FRANCO, 1995, p.71).

A noção concernente ao texto não se remete somente ao texto em formato escrito, mas, igualmente, à linguagem humana, a qual engloba múltiplos significados. No título *Conflicto das Interpretações*, o filósofo alinha os seus interesses científicos referentes à interpretação, aos pressupostos da Psicanálise, pois, na percepção Ricoeuriana, o campo de atuação desta ciência não se restringe, simplesmente, às expressões afetivas e aos desejos humanos, sendo, pois, ajuizada como uma hermenêutica, conforme se observa na afirmação subsequente: “outros métodos hermenêuticos forçam-nos também a fazer este movimento que a psicanálise, compreendida como hermenêutica nos obriga a operar, embora de maneira diferente” (Ricoeur, 1969, p.23).

A psicanálise apenas pode encontrar aquilo que procura; aquilo que procura é a significação "económica" das representações e dos afetos postos em jogo no sonho, na neurose, na arte, na moral, na religião, portanto, ela não poderia encontrar outra coisa a não ser expressões disfarçadas das representações e dos afetos que pertencem aos desejos mais arcaicos do homem. Este exemplo mostra bem a amplitude de uma hermenêutica filosófica no simples nível semântico. (Ricoeur, 1969, p.16).

Ao se apropriar dos conceitos desenvolvidos pelo campo da psicanálise, Ricoeur adentra nesse contexto, para fazer “emergir o sentido humano ali implicado” (SCHAEFER, 2008, p.59), de modo que o propósito primordial dos esforços de tal autor, a respeito da teoria da interpretação, compreendia a ação de demonstrar que “a realidade é simbólica e o símbolo precisa ser interpretado” (SCHAEFER, 2008, p.59).

É o símbolo que exprime nossa experiência fundamental e nossa situação no ser. É ele que nos reintroduz no estado nascente da linguagem. O ser se dá a o homem mediante as sequências simbólicas, de tal forma que toda visão do ser, toda existência como relação ao ser, já é uma hermenêutica (RICOEUR, 1990, p.3).

Essa abordagem centralizada no símbolo permite afirmar que, para o homem, a linguagem primária é insuficiente para expressar a sua experiência no mundo.

Para além da experiência das coisas e dos acontecimentos, situa-se o nível da linguagem filosófica, linguagem interpretativa capaz de revelar uma experiência ontológica que é relação do homem com

aquilo que o constitui homem, vale dizer, foco do sentido (RICOEUR, 1990, p.4).

A interpretação tenciona encontrar um sentido que provém do objeto. Assim, ele “crê que algo se dirige a ele através da linguagem” (FRANCO, 1995, p.74). Sistemáticamente, pontua-se que os símbolos encerram sentidos, e a linguagem simbólica é detentora de uma história que requisita interpretação, a qual é compreendida por Ricoeur como sendo o “trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido escondido no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal” (RICOEUR, 1978, p.14).

4 CONCLUSÕES

Os sujeitos estão inseridos na conjectura simbólica da cultura, e, a partir dela, engendram os significados associados à sua existência. Posto isto, a cultura necessita ser interpretada, devido a gama de semânticas que acomoda em torno de si. A cultura oportuniza essa interação com o outro, através da mediação linguagem. Dentro do contexto apresentado, notabilizou-se a capacidade que a hermenêutica, apregoada por Ricoeur, possui enquanto via de assimilação dos sentidos e tradução dos significados da interlocução simbólica.

O diálogo, aqui proposto, compreendeu uma abordagem interdisciplinar, no qual os pressupostos teóricos de Ricoeur oportunizaram um entrelaçamento entre a dimensão filosófica da cultura e o meio ambiente, tendo a perspectiva da linguagem humana como objeto de apreciação. Da relação de afinidade entre a cultura e o meio ambiente emerge a preservação ambiental, pois se entende que a cultura é promotora da tutela de valores imprescindíveis ao homem, incluindo, nisto, o ambiente que o circunda.

De forma distinta dos demais seres do reino animal, o homem desenvolveu um comportamento simbólico, ou seja, uma linguagem abstrata composta por sinais e símbolos. Frente a esta realidade, há a construção de sistemas mentais que viabilizam o relacionamento entre os sujeitos e a sua intervenção na dimensão externa a si, isto é, no meio ambiente. Assim, por intermédio da linguagem, o mundo é estruturado com base em inúmeras categorias simbólicas, como, por exemplo, as culturais, as quais são dotadas de fenômenos complexos, que encerram significados, os quais necessitam ser interpretados para que as ações humanas sejam plenamente compreendidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARUFFA, Giovanni. A humanização cultural e sua ambivalência. In: **Revista Razão e Fé**. p.35-39. Pelotas: EDUCAT, 2005.

CRESPO, Regina Aída. Os conceitos de cultura e ideologia. In: TOMAZI, Nelson Dacio. **Iniciação à sociologia**. 2ª ed. São Paulo: Atual, 2000.

CRISTOFOLETTI, Antônio. Impactos no meio ambiente ocasionados pela urbanização no mundo tropical. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de.; SANTOS. Milton. **O novo mapa do mundo, Natureza e sociedade de Hoje: Uma leitura geográfica**. São Paulo: HucitecAnpur, 1994, p.127-138.

D'AGOSTINI, Franca. **Analíticos e Continentais**: guia à filosofia dos últimos trinta anos. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

FRANCO, Sérgio de Gouvea. **Hermenêutica e Psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações: uma trajetória. **Revista Anos 90**. v. 13, n. 23/24. Porto Alegre, 2006 (p.45-58). Disponível em: www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6395/3837. Acesso dia 10/01/2020.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Porto: RES, 1978.

SCHAEFER Osmar Miguel. Sobre Hermenêutica e Filosofia. In: PIZZI, Jovino.; GHIGGI, Gomercindo. **Diálogo crítico-educativo**: um debate filosófico. Pelotas: EDUCAT, 2008.

VILLAVARDE, Marcelino Agís. Paul Ricoeur: los caminos de la hermenéutica. In: **Revista ÁGORA: papeles de filosofía**. Vol. 25, nº 2: (p.25-44), 2006. Disponível em: http://www.filosofiayliteratura.org/1/autores/Marcelino/Agis_Caminos_herm.pdf. Acesso dia 10/01/2020.

WICKS, Ana Escribar. La hermenéutica como camino hacia la comprensión de sí: homenaje a Paul Ricoeur. In: **Revista de Filosofia**. Volumen 61 (p.43-59), 2005. Disponível em: <http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/131965/La-hermeneutica-como-camino-hacia-la-comprension-de-si.pdf?sequence=1>. Acesso dia 10/01/2020.